

## As traduções para as línguas inglesa e portuguesa de *kokoro*, de Natsume Soseki<sup>1</sup>

Marcionilo Euro Carlos Neto

RESUMO: Neste trabalho analisamos duas traduções da obra literária japonesa *Kokoro*, escrita por Natsume Soseki (1867-1916), de acordo com a analítica da deformação da letra de Antoine Berman (2007 [1985]). Cotejamos as traduções para o inglês e o português com o original, buscando verificar até que ponto elas se afastavam ou aproximavam da tradução da letra. Concluimos que ambas as traduções trazem deformações – embora em diferentes proporções – que destroem os sistematismos pretendidos pelo autor e impedem na tradução um texto mais próximo do original.

Palavras-chave: *kokoro*; Natsume Soseki; tradução para o inglês; tradução para o português; tradução da letra.

### Introdução

Neste trabalho, com base na obra de Antoine Berman (2007 [1985]) intitulada *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* e em suas colocações sobre a sistemática da deformação da letra, objetivamos analisar e identificar até que ponto as traduções realizadas para a língua inglesa, por Edwin McClellan, e para a língua portuguesa, por Junko Ota, do texto de literatura japonesa, intitulado *Kokoro*, escrito por Natsume Soseki (1867-1916) em 1914, se aproximam ou afastam da tradução da letra.

Selecionamos alguns fragmentos da primeira, segunda e terceira partes da obra analisada para cotejarmos com ambas as traduções escolhidas para nossa investigação. Para falarmos sobre o autor e o texto literário nos valeremos do prefácio da tradução de

---

<sup>1</sup> Salientamos que este trabalho é parte da monografia intitulada “As traduções de *kokoro*, de Natsume Soseki, para as línguas inglesa e portuguesa”, de autoria de Marcionilo Euro Carlos Neto, e orientado pela Profa. Dra. Maria Clara Castellões de Oliveira, redigida como requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Tradução pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

*Kokoro* para o português, intitulado “O fluir na pedra, o pesar na água” (2008) escrito por Roberto Kazuo Yokota.

## 1. Natsume Soseki e *Kokoro*

Natsume Soseki – pseudônimo de Natsume Kinnosuke – nasceu em 5 de janeiro de 1867, na antiga Edo, hoje atual cidade de Tóquio. Procurando fugir da vida turbulenta da capital, ele decide lecionar em uma escola secundária na província de Ehime, situada em uma pequena e pouco populosa ilha do sul do arquipélago japonês. Exatamente nesse período, Kinnosuke decide usar o pseudônimo Soseki em suas produções, pseudônimo esse que significa, em chinês, “incômodo”. Roberto Kazuo Yokota,<sup>2</sup> no prefácio da obra *Kokoro – Coração*, traduzida para o português por Junko Ota (2008), ao abordar a *persona* literária do autor de acordo com a definição de seu pseudônimo, explicita que:

Soseki deriva da expressão *Soseki Chinryu*, que significaria algo como “lavar a boca com pedra, fazer da água travesseiro”. Esta estranha expressão seria um trocadilho do provérbio de origem chinesa “lavar a boca no rio, ter uma pedra como travesseiro”, que significaria o ideal de deixar a cidade e viver no campo, próximo à natureza. Considerada a expressão irônica adotada, o termo Soseki é indicativo de uma dupla caracterização da *persona* do autor: o pesar da pedra, o fluir da água (p. 12).

Dessa forma, podemos compreender que a linguagem do autor não será carregada de polidez como é de se esperar de um japonês, tampouco será totalmente exacerbada. Yokota acrescenta em sua argumentação que “Pedra na boca aludirá, sobretudo, à dificuldade extrema de comunicação, à quase impossibilidade de enunciação: a afasia latente na língua e na própria sociedade japonesa” (p. 13).

O autor escreveu 14 romances e entre eles são os de maior destaque a obra cujas traduções para o inglês e o português serão analisadas neste trabalho (*Kokoro*, de

---

<sup>2</sup> Toda vez que mencionarmos esse autor a referência será a seguinte: Roberto Kazuo Yokota, prefácio da obra *Kokoro – Coração*, traduzida para o português por Junko Ota (2008).

1914); *Botchan* (1906); *Sanshiro* (1908); *Sorekara* (1909); *Mon* (1910) e *Michikusa* (1915). *Sorekara* foi traduzido para o português com o título de *E depois*, por Lica Hashimoto, e publicado em 2011, pela editora Liberdade. Os demais ainda não foram traduzidos no Brasil. *Botchan* e *Sanshiro* são nomes próprios, enquanto *Mon* e *Michikusa* podem ser traduzidos literalmente como *Portão* e *O capim ao lado do caminho*.

O autor é considerado, na atualidade, um dos mais importantes escritores do Japão, conhecido por praticamente todos os japoneses que se interessam por literatura nacional, e suas obras são lidas por quase todos os estudantes em algum momento de sua formação.

No romance sob estudo, as personagens centrais são o narrador em primeira pessoa, Eu, e Sensei. Através das emoções, dos problemas e dos conflitos de *Sensei* e de Eu, bem como do papel que também desempenham as outras personagens (a mãe e pai do narrador e a mulher de *Sensei*), imaginamos não somente a problemática de um ângulo interno a essas personagens, como também vemos nelas uma representação do povo japonês da época. Esse seria um dos motivos pelos quais o autor não revela seus nomes ao longo do romance. Segundo Yokota (2008):

O anonimato em nada prejudica a narrativa, ao contrário, revela-se como um recurso capaz, ao mesmo tempo, de propiciar a imersão do leitor na trama, e de, paradoxalmente, produzir o estranhamento e a distância, à medida que nos tornamos mais ‘íntimos’ das situações e das personagens (p.14).

A obra *Kokoro* é dividida em três partes: a primeira e a segunda têm como narrador a personagem Eu. A terceira parte constitui-se em um longo capítulo, em que *Sensei* confessa para Eu os problemas que enfrentara e que o afligem intensamente, transformando-se numa sombra em sua vida. Portanto, há uma mudança de narrador do jovem Eu para *Sensei*. As confissões revelam para o leitor a mudança brusca de uma geração para outra e as contradições entre decisões contidas em mudanças bem profundas entre épocas.

Ao questionarmos o êxito de *Kokoro* no Japão e no mundo, desde sua produção até os dias de hoje, podemos levantar uma série de possíveis razões para o sucesso da obra: primeiro, porque Natsume traz à tona assuntos que tocam profundamente nos problemas de identidade, individualidade e equilíbrio social. Para Yokota:

Soseki toca dolorosamente uma identidade inexprimível, silenciosa, e silenciadamente cultivada em cada japonês: uma subjetividade subjugada, uma singularidade anulada, uma individualidade cindida em nome de uma admirável – daí terrível – harmonia social (p. 17).

As personagens da obra, em sua complexidade, seu modo singular e individualidade representam uma parte dessa sociedade japonesa desarmonizada. Porém, cada uma dessas partes se torna um todo: cada singularidade contida nas personagens de Soseki se une para denunciar os problemas sociais de um Japão que não mais se vê como antes, mas sim, como um Japão forasteiro dentro de suas próprias terras. Como cita Yokota “o amargor do dissidente inconformista é o grito sufocado de cada indivíduo, de cada pedra bruta lapidada para ser japonês” (p. 17).

Então, no decorrer da leitura, é quase impossível se ver distanciado, se ver fora da angústia dos japoneses. Yokota ao elucidar o porquê dessa quase impossibilidade de distanciamento do leitor afirma que “[...] o mal-estar da cultura talvez seja universal; a angústia e a amargura não são apenas japonesas, mas também ocidentais. Estivemos e estamos sujeitos às mesmas vagas e choques que atingiram e ainda atingem o Japão” (p. 20). Os temas encontrados nos romances do autor podem facilmente fazer parte de nossas vidas. O egoísmo humano, por exemplo, é um tema também presente nas nossas relações interpessoais. A ambição e a complexidade do indivíduo são muito recorrentes nas discussões que envolvem governos, poder, política etc. Além disso, o sentimento de deslocamento do intelectual em geral com relação ao seu lócus de enunciação tem ocasionado o surgimento de diversas produções culturais, inclusive literárias.

Ler Natsume, por sua vez, não é uma tarefa banal, suave. É ter consciência de que “há pedras no rio” e de que atravessar as águas às vezes é necessário para chegar à outra margem e não ficar simplesmente parado à mercê de uma ponte. Mas também a

leitura poderá ser menos dolorosa, menos torturante: “Apesar das pedras, talvez haja esperança no fluxo” (YOKOTA, 2008, p.22).

## 2. A tradução de extratos da obra *Kokoro*

Analizamos alguns fragmentos da primeira, segunda e terceira parte das traduções para as línguas inglesa e portuguesa da obra *Kokoro*, com base em Berman (2007 [1985]) e a sistemática da deformação da letra. Os comentários e propostas que levantaremos levarão em conta a importância de preservar na tradução a estrangeiridade do texto original, transmitindo ao leitor a cultura e as diferenças do texto estrangeiro. Gostaríamos de salientar que os exemplos que seguem em nossa análise estão longe de representar a totalidade das questões encontradas ao lermos e analisarmos as duas traduções, investigadas neste trabalho, cotejando-as com o texto original. Através dos exemplos que seguem, pretendemos levantar reflexões acerca da tradução literária, de maneira a contribuir para que os tradutores percebam a importância da manutenção da letra do texto original ao realizarem sua tarefa.

Começaremos a analisar alguns fragmentos da primeira parte da obra, intitulada 先生と私- *Sensei to watashi* (O *Sensei* e eu):

Original em japonês	Tradução para a língua inglesa	Tradução para a língua portuguesa
<p>わたし つね 私はその人を常に先生と呼んでいた。だから此所でもただ先生と書くだけで本名は打ち明けない。これは世間を憚る遠慮というよりも、その方が私にとって自然だからである。私はその人の記憶を呼び起すごとに、すぐ先生といたくなる。筆を執っても心持は同じ事である。よそよそしい頭文字などはとても使う気にならない (p. 7).</p>	<p>I Always called him “Sensei”. I shall therefore refer to him simply as “Sensei”, and not by his real name. It is not because I consider it more discreet, but it is because I find it more natural that I do so. Whenever the memory of him comes back to me now, I find that I think of him as “Sensei” still. And, with pen in hand, I cannot bring myself to write of him in any other way (p. 1).</p>	<p>Sempre o chamei de “Professor”. Por isso, usarei somente “Professor” aqui, sem revelar seu nome. Não para resguardá-lo perante a sociedade, mas porque é mais natural para mim. Toda vez que ele me vem à memória, logo me vem a vontade de chamá-lo: “Professor”. Mesmo pegando no pincel, a sensação é a mesma. E gostaria menos ainda de usar a inicial em alfabeto romano, que parece distante, para referir-me a ele (p. 27).</p>

Ao analisarmos os fragmentos acima, notamos como a tradução de língua inglesa deforma a letra do texto original, acrescentando termos que não existem, alongando sentenças etc. Parece que o tradutor do texto em inglês preocupou-se muito em produzir um texto esteticamente mais belo, ao invés de preservar efeitos que o texto original produz. Valendo-nos de Berman podemos dizer que esse embelezamento estetizante ocasionado pelo tradutor destrói todo o sistematismo existente na obra original. Sabemos que a língua japonesa e as línguas inglesa e portuguesa são bem diferentes, porém, a tradução em português se aproxima mais do texto original, ou seja, deforma menos a letra. Pontuaremos, abaixo, os dados observados nos fragmentos transcritos na tabela acima:

1 – A palavra no original 打ち明けない (*Uchiakenai*, p. 7) significa ‘não revelar’. Quando o narrador diz que “だから此所でもただ先生と書くだけで本名は打ち明けない” (p. 7),<sup>3</sup> ele quer dizer que “Por isso, aqui, simplesmente escreverei somente ‘Sensei’ e não revelarei seu verdadeiro nome”.<sup>4</sup> Contudo, notamos que a tradução de língua inglesa é uma reformulação do trecho: “I shall therefore refer to him simply as “Sensei”, and not by his real name”<sup>5</sup> (Vou, portanto, referir-me a ele simplesmente como “Sensei”, e não por seu nome verdadeiro)<sup>6</sup> (p.1).

Em português o mesmo trecho foi traduzido da seguinte maneira “Por isso, usarei somente “Professor” aqui, sem revelar seu nome”<sup>7</sup> (p. 27). Como é possível visualizar, a tradução para a língua portuguesa está bem mais próxima da tradução que fizemos do original, pautada na defesa da letra: a tradutora utiliza o verbo “revelar” e

---

<sup>3</sup>Todas as vezes que usarmos fragmentos da obra original em japonês, a referência será a mesma: NATSUME, Soseki. *Kokoro*. Tokyo: Yamaguchi Akio, 2012 [2002].

<sup>4</sup> Esta e as demais traduções em português propostas a partir do texto original em japonês serão de nossa autoria, valendo-nos, para tanto, dos preceitos da tradução da letra, defendidos por Berman.

<sup>5</sup> Toda vez que usarmos fragmentos da tradução para a língua inglesa a referência será a mesma: NATSUME, Soseki. *Kokoro*. Trad. Edwin McClellan et al. London: Peter Owen, 2010 [1968].

<sup>6</sup> Essa e as demais traduções dos trechos da obra traduzida em inglês serão de nossa autoria e virão entre parêntesis.

<sup>7</sup>Toda vez que usarmos fragmentos da tradução para a língua portuguesa, a referência será a mesma: NATSUME, Soseki. *Coração*. Trad. Junko Ota et al. São Paulo: Globo, 2008.

estrutura uma oração que mantém o sentido do original, sem fazer grandes alterações, sem tentar um embelezamento exagerado. Contudo, a tradução para o português opta por usar “Professor” ao invés de manter a palavra “Sensei”: palavra mantida em nossa tradução e na tradução em inglês devido a sua carga de significância e formalidade. “Sensei” em japonês é mais do que simplesmente a palavra “professor”: também denota formalidade e respeito. Valendo-nos de Berman, podemos afirmar que a tradução de língua inglesa causa um enobrecimento do texto original, ou seja, reescreve as sentenças de maneira mais bela na língua de chegada.

2 – Na oração “これは世間を<sup>せけん</sup> 憚<sup>はばか</sup> る<sup>えんりよ</sup> 遠慮というよりも、その方が私に取って自然だからである” (p. 1), a tradução para a língua inglesa ficou da seguinte maneira: “It is not because I consider it more discreet, but it is because I find it more natural that I do so” (p. 1), (Não é porque eu considero mais discreto, mas é porque acho que é mais natural fazê-lo).

A tradução para o português traz a mesma oração deste modo: “Não para resguardá-lo perante a sociedade, mas porque é mais natural para mim” (p. 27). O que a sentença original nos traz seria exatamente o que a tradutora de português passa aos leitores. Porém, o narrador não fala que para ele “é mais natural” e sim que para ele chamar o Sensei de Sensei seria ‘natural’ ou ‘comum’. Em inglês, temos uma oração bem diferente da encontrada no original: uma tradução que nos passa uma ideia de que o tradutor se preocupou mais com a estética do texto na língua de chegada do que com a manutenção da letra do original.

3 – As orações finais do primeiro parágrafo da obra, “筆<sup>ふで</sup>を執<sup>と</sup>っても心持は同じ事である。よそよそしい頭文字などはとても使う気にならない” (p. 7), poderiam ser traduzidas da seguinte maneira: “Por mais que eu segure o pincel, tenho a mesma sensação. Friamente, não me preocupo em usar a inicial de seu nome”. Em inglês, encontramos a seguinte tradução: “And, with pen in hand, I cannot bring myself to write of him in any other way” (p. 1), (E, com a caneta na mão, eu não posso vir a escrever sobre ele de qualquer outra forma). Já na tradução para o português, temos: “Mesmo pegando no pincel, a sensação é a mesma. E gostaria menos ainda de usar a inicial em alfabeto romano, que parece distante, para referir-me a ele” (p. 27). Notamos que, a tradução mais distante do original é a de língua inglesa. Nela, a palavra

筆 (fude), por exemplo, cujo significado seria ‘pincel para escrita’,<sup>8</sup> é traduzida como caneta. Além disso, o advérbio よそよそしい (Yosoyososhii), que significa ‘frio’ ou ‘indiferente’, ‘friamente’ ou ‘indiferentemente’, foi simplesmente ignorado na tradução para a língua inglesa. Isso pode causar um empobrecimento qualitativo da obra, nos termos de Berman, pois o tradutor ao traduzir ‘pincel para escrita’ simplesmente como ‘caneta’ faz uma substituição de vocábulos que não possuem o mesmo valor semântico. Contudo, a tradução para a língua portuguesa também faz algumas modificações que deformam a letra do texto original: a palavra 頭文字 (kashiramoji), cujo significado seria ‘primeira letra’, ‘letra maiúscula’ ou ‘iniciais’, na tradução em português aparece como ‘inicial em alfabeto romano’, ou seja, uma tradução alongada, que tenta explicar o termo mais detalhadamente: a tradutora causa um ‘alongamento’ decorrente de uma ‘clarificação’. Se ela julgou necessário passar ao leitor que essa inicial era em letra romana, poderia ter usado uma nota de rodapé, em vez de alongar o texto. Também notamos que o advérbio よそよそしい (Yosoyososhii) – ‘friamente’, ‘indiferentemente’, também não foi traduzido dessa maneira em português, e sim como ‘menos ainda’. Além disso, há acréscimos na frase em português de ideias que não são passadas no original, inseridas, talvez, para sofisticarem a frase, criando um efeito estético embelezador na sentença: “[...]que parece distante, para referir-me a ele”. Não há, no original, um termo que signifique ‘que parece distante para referir-me a ele’. Assim, podemos afirmar que esse é um acréscimo feito pela tradutora para criar uma frase mais bela, chamado por Berman de embelezamento.

Passemos a analisar alguns fragmentos da narrativa da segunda parte da obra *Kokoro*, intitulada 両親と私 – Ryoushin to watashi (Meus pais e eu):

Original em japonês	Tradução para a língua inglesa	Tradução para a língua portuguesa
---------------------	--------------------------------	-----------------------------------

---

<sup>8</sup> Esse e os demais termos propostos para a tradução foram extraídos do Michaelis Dicionário Prático Japonês – Português, coordenado por Katsunori Wakisaka. – São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 2003.



<p>うち あんがい 宅へ帰って案外 に思ったのは、父の元気がこの前見 たい かわ た時と大して変 っていない事であった。‘ああ帰った かい。そうか、それでも卒業が出来 てまあ結構だった。ちょっと御待ち 、今顔を洗って来るから」父は庭へ 出て何かしていた所であった。古い むぎわらぼう ひよ 麦藁帽の後ろへ、日除けのために くくりつけたうすぎたない 括り付けた薄汚い ハンケチをひらひらさせながら、 いど うらて ほう まわ 井戸のある裏手の方へ廻 って行った。学校を卒業するのを、 普通の人間として当然のように考え ていた私は、それを予期 きょうしゆく 以上に喜んでくれる父の前に恐縮 した (p. 97).</p>	<p>What surprised me when I got home was that my father's health seemed not to have changed much during the months I had been away. “So you are back,” he said. “I’m glad that you were able to graduate. Wait a minute, I’ll go and wash my face.” I had found him in the garden. He was wearing an old straw hat, with a slightly soiled handkerchief attached to the back to shield his neck from the sun. The handkerchief swayed in the breeze as he walked towards the wall behind the house. I had come to regard a university education as commonplace, and I was touched by my father’s unexpected pleasure at my graduation (p. 81).</p>	<p>De volta para casa, eu me surpreendi com a disposição de meu pai, que não estava muito diferente de quando o havia visto da última vez. – Voltou, hein? Ah, que bom que conseguiu se formar! Espere um pouco, vou lavar o rosto. Ele estava mexendo em alguma coisa no quintal. Com um lenço amarrado na parte de trás do velho chapéu de palha, um pouco sujo, usado assim para se proteger do sol, ele deu a volta por trás da casa, onde havia um poço. Eu fiquei um pouco acanhado diante de meu pai, que ficara contente mais do que eu esperava, uma vez que eu considerava natural uma pessoa formar-se pela faculdade (p. 113).</p>
---	--	--

Quadro 2 - Fragmentos analisados da segunda parte da obra intitulada 両親と私- Ryoushin to watashi (Meus pais e eu).

Como observado na análise feita nos fragmentos do capítulo anterior, na segunda parte também encontramos algumas deformações da letra do texto original, tanto na tradução para o inglês, como na tradução para o português. Pontuaremos alguns dos principais problemas:

1- A oração que inicia a segunda parte da obra, “宅へ帰って案外に思ったのは、父の元気がこの前見た時と大して変っていない事であった” (p. 97), poderia ser traduzida da seguinte maneira: “Ao voltar para casa, o que eu senti foi que a saúde do meu pai, comparada com a última vez que o tinha visto, não havia mudado”. Se compararmos a tradução que propusemos com a tradução para a língua inglesa “What surprised me when I got home was that my father’s health seemed not to have changed much during the months I had been away” (p. 81), (O que me surpreendeu quando cheguei em casa foi que a saúde do meu pai parecia não ter mudado muito, durante os meses que eu estava longe), percebemos como o texto em inglês possui demasiadas modificações. No original, não há um termo que diga, por exemplo, “...during the months I had been away” “durante os meses que eu estava longe”. Tampouco há uma frase no original que pudesse ser traduzida como “my

father's health seemed not to have changed much" (a saúde de meu pai não parece que mudou muito). O que o texto original diz é que 'a saúde de meu pai não mudou'. A tradução feita para a língua portuguesa traz a mesma oração da seguinte maneira: "De volta para casa, eu me surpreendi com a disposição de meu pai, que não estava muito diferente de quando o havia visto da última vez" (p. 113). Apesar de algumas modificações na maneira pela qual a tradutora escreveu a oração, percebemos que, em português, a tradução deforma menos a letra do que a tradução para o inglês, que causa um alongamento demasiado das sentenças do texto original.

2- A fala do pai do narrador, “ああ帰ったかい。そうか、それでも卒業が出来てまあ結構だった。ちょっと御待ち、今顔を洗って来るから” (p. 97), poderia ser traduzida como “-Ah, você voltou. Então, mas que bom que conseguiu formar. Espera um pouquinho porque vou lavar o rosto agora e volto”. A tradução para a língua portuguesa não está muito diferente da que fizemos anteriormente “- Voltou, hein? Ah, que bom que conseguiu se formar! Espere um pouco, vou lavar o rosto” (p. 113). O que poderíamos dizer sobre essa tradução é que a carga de formalidade expressa em ‘se formar’ poderia ser neutralizada, já que a personagem que está falando é um senhor, interiorano, conversando com seu filho. Na língua japonesa, a diferença de formalidade e localidade é bem demarcável. Alguns marcadores de um diálogo mais isentos de aspectos formais, tais como ‘まあ’ (maa) e o uso do verbo ‘voltar’ informalmente ‘帰ったかい’ (kaettakai) nos sugerem que a fala da personagem é informal. Até mesmo a falta da partícula を(wo) – marcadora de objeto direto – na fala do pai do narrador, passa-nos uma ideia de uma conversação informal, mais provinciana. Podemos dizer que houve uma ‘destruição das redes de linguagens vernaculares’, uma vez que o tradutor apagou qualquer traço de informalidade do discurso da personagem, culminando em uma tradução que não deixa o leitor perceber a simplicidade da fala, conseguindo perceber que quem fala (o pai do narrador) é do interior do Japão. Notemos que a tradução para a língua inglesa traz uma sentença bem diferente da de língua portuguesa e de nossa proposta de tradução: “So you are back, he said. I'm glad that you were able to graduate. Wait a minute, I'll go and wash my face” (p. 81), (Então você está de volta, disse ele. Estou contente que você fosse capaz de formar. Espere um minuto, eu vou lavar meu rosto.) Notamos o acréscimo da palavra ‘he said’ (ele disse), que não há no texto original, bem como a falta do termo ‘volto’,

pois o verbo original em japonês denota a ideia de ir e voltar ‘顔洗って来る’ (kao aratte kuru) – ‘vou lavar meu rosto e volto’. A tradução para a língua portuguesa também não se preocupa em passar a ideia de ‘ir e voltar’.

3- Já a frase “父は庭へ出て何かしていた所であった” (p. 97) poderia ser traduzida como “Meu pai saiu para o jardim e estava fazendo algo lá”, apesar de encontramos, tanto na tradução em inglês, como na tradução em português, orações um pouco diferentes: “I had found him in the Garden” (p. 81) (Eu o havia encontrado no jardim.) e “Ele estava mexendo em alguma coisa no quintal” (p. 113). O original diz que o pai do narrador estava no jardim fazendo alguma coisa e a tradução em inglês menciona somente que o narrador encontrou seu pai no jardim, omitindo uma descrição importante, que passa ao leitor a simplicidade da personagem do campo, em contato com a terra e as plantas. A manutenção da letra tenta justamente evitar deformações na tradução que possam causar prejuízos como esse, em que um termo omitido impede que o leitor da tradução tenha acesso a informações presentes no original.

4 - Em “学校を卒業するのを、普通の人間として当然のように考え

ていた私は、それを<sup>よ</sup>期<sup>き</sup>以上に喜んでくれる父の前に<sup>きょうしゅく</sup>恐縮した”(p. 97),

temos em inglês e português as seguintes traduções: “I had come to regard a university education as common place, and I was touched by my father’s unexpected pleasure at my graduation” (p. 81), “Eu tinha chegado a considerar uma educação universitária como lugar-comum, e eu fui tocado pelo prazer inesperado do meu pai sobre minha formatura” / “Eu fiquei um pouco acanhado diante de meu pai, que ficara contente mais do que eu esperava, uma vez que eu considerava natural uma pessoa formar-se pela faculdade” (p. 113). Como é possível perceber, ambas as traduções estão bem diferentes. Com base no texto original, proporíamos a seguinte tradução: “Pensava que formar na universidade é algo natural para um ser humano normal, e fiquei constrangido diante da felicidade de meu pai, além de minha expectativa. ” Dessa forma, notamos como a tradução de língua inglesa deforma o texto original, reescrevendo a sentença de modo bem diferente a obra original. Mais uma vez, o texto em inglês traz um ‘embelezamento’ do trecho original. Porém essa sentença mais bela pode resultar na ‘destruição dos sistematismos’ pretendidos pelo autor ao escrever a obra.

Prosseguindo com a análise das traduções de *Kokoro*, analisaremos, por último, alguns fragmentos da terceira parte do livro intitulada “先生と遺書” – Sensei to isho (O *sensei* e o testamento):

Original em japonês	Tradução para a língua inglesa	Tradução para a língua portuguesa
<p>私はこの夏あなたから二、三度手紙を受け取りました。東京で相当の地位を得たいから宜しく頼むと書いてあったのは、たしか二度目に手に入ったものと記憶しています。私はそれを読んだ時何とかしたいと思ったのです。少なくとも返事を上げなければ済まんとは考えたのです(p. 143).</p>	<p>I received two or three letters from you this summer. If I remember rightly, it was in your second letter that you asked me to help you find a suitable post. When I read it, I felt that the least I could do was to answer your letter (p. 125).</p>	<p>Neste verão, recebi de você duas ou três cartas. Lembro-me exatamente que foi na segunda carta que você me escreveu pedindo algum emprego razoável em Tóquio. Quando li essa carta, quis ajuda-lo. Pensei que deveria ao menos enviar uma resposta (p. 159).</p>

Quadro 3 - Fragmentos analisados da terceira parte da obra intitulada 先生と遺書- Sensei to isho (O *sensei* e o testamento).

Como constatado nas outras partes do livro, na terceira parte também pudemos visualizar como a tradução para a língua inglesa é a mais deformadora da letra do texto original. Pontuaremos os casos mais importantes de problemas encontrados nas traduções para o inglês e português da terceira parte da obra:

1- No trecho “東京で相当の地位を得たいから宜しく頼むと書いてあったのは、たしか二度目に手に入ったものと記憶しています” (p. 143) foi traduzida para as línguas inglesa e portuguesa da seguinte maneira: “If I remember rightly, it was in your second letter that you asked me to help you find a suitable post” (p. 125) (Sem me lembro, foi em sua segunda carta que você me pediu para ajudá-lo a encontrar um posto adequado) e “Lembro-me exatamente que foi na segunda carta que você me escreveu pedindo algum emprego razoável em Tóquio” (p. 159). A tradução para o inglês não apresenta um termo importante na frase analisada: a palavra 東京 (Tóquio). O narrador pede ao professor que lhe consiga um posto respeitável em Tóquio. Acreditamos que a localidade diz muito em relação a tudo o que ocorre no enredo e à crítica da obra: o narrador, nascido numa cidade provinciana, ruralizada, mas com uma personalidade já moldada de acordo com a vida na grande capital, simplesmente não quer voltar para sua terra natal. ‘Eu’ representaria uma juventude nipônica já

ocidentalizada, modernizada, que não mais valoriza o bucólico, o exótico, as coisas do campo e sua monotonia. O tradutor não pode simplesmente ignorar a palavra ‘Tóquio’ em sua tradução e pensar que ela não faz diferença para o contexto da obra. A tradução para a língua portuguesa não apaga a referida palavra: “Lembro-me exatamente que foi na segunda carta que você me escreveu pedindo algum emprego razoável em Tóquio” (p. 159). Propomos a seguinte tradução, de maneira a manter o máximo possível a letra do texto original: “Lembro-me, seguramente, que é na segunda carta que está escrito o seu pedido para eu arrumar um posto respeitável para você em Tóquio”. Identificamos, também, que a tradução para a língua portuguesa usa a palavra ‘emprego’ em vez da palavra ‘posto’, como nos traz a tradução de língua inglesa ‘suitable post’ (posto apropriado). Em japonês, as palavras usadas são justamente 相当の地位 (soutou no chii) - posto respeitável. A tradução em português traz para o leitor a palavra ‘emprego’. Logicamente, quando o autor escreve a palavra 地位 (posto), ele selecionou esse vocabulário no lugar de 仕事 (shigoto), que significaria ‘trabalho’ ou ‘emprego’. O *Dicionário Michaelis Japonês – Português* (2003) traz como possíveis significados para 地位 “posição, *status*, posto” (p. 52). Porém, como citado anteriormente, a tradução em português traz a palavra ‘emprego’, não levando em conta os significados mais próximos aos da palavra original 地位 (chii). Claro que manter a letra do original numa tradução vai mais além do que seguir uma linha de tradução: significa respeitar a falância do texto original e o leitor da tradução.

2 – Já no fragmento “私はそれを読んだ時何とかしたいと思ったのです” (p. 143), a tradução para a língua inglesa juntou essa sentença com a seguinte, reduzindo o conteúdo na tradução. Assim, a tradução de língua inglesa traz praticamente um resumo da ideia que passam as duas frases no original. Note que ambas as frases – “私はそれを読んだ時何とかしたいと思ったのです。少なくとも返事を上げなければ済まんとは考えたのです” (p. 143) – poderiam ser traduzidas da seguinte maneira: “quando as<sup>9</sup> li, de alguma maneira pensei em fazer algo. Pensei que, deveria enviar uma resposta, por menor que fosse”. Observemos que em inglês a tradução é a seguinte: “When I read it, I felt that the least I could do was to answer your letter” (p.

---

<sup>9</sup> Termo anafórico a cartas.

125). “Quando a li, senti que o mínimo que poderia fazer era responder sua carta”. Já a tradução para a língua portuguesa traz “Quando li essa carta, quis ajudá-lo. Pensei que deveria ao menos enviar uma resposta” (p. 159). Em inglês, não temos uma parte das duas frases que diz “de alguma maneira pensei em fazer algo” ou, como nos traz Ota, “quis ajudá-lo”. Mais uma vez, a tradução em inglês parece simplesmente interpretar o sentido do original e reescrever a frase ao traduzir. Além disso, em inglês e português a noção de escassez que nos passa a palavra 少なくとも (sukunakutomo) – por menor que fosse – não aparece na tradução.

### **Considerações Finais**

Cotejando ambas as traduções com a obra original, constatamos, através do nosso corpus de análise, que as tendências deformadoras da letra foram recorrentes, porém com maior intensidade na tradução da obra para a língua inglesa, realizada por Edwin McClellan. O texto em inglês deforma tão demasiadamente a letra do texto original que, ao nosso olhar crítico, parece-nos um texto muito diferente da obra original japonesa. Essa deformação demasiada da tradução para o inglês deixa claro que o texto é domesticado, de maneira a moldar-se às exigências da língua inglesa, produzindo um texto que se aproxima mais do estilo das obras produzidas nessa língua. Isso vem a confirmar o que percebe Venuti (2008[1995]) ao abordar, em *Escândalos da Tradução*, o movimento etnocêntrico nas traduções como um meio de construir uma

representação doméstica de acordo com valores e posições ideológicas dominantes de uma época. Como observado, não somente nas partes aqui explanadas, mas também em grande parte da tradução, a obra em inglês foi praticamente reescrita. Pelo que observamos, podemos dizer que o tradutor de *Kokoro* para a língua inglesa não se preocupou em fazer uma tradução que preservasse os sistematismos da obra original.

Já o texto em português, traduzido por Junko Ota, possui trechos em que encontramos algumas das tendências deformadoras, como também há outros em que a letra é mantida de forma bem estruturada. Percebemos, no decorrer da obra traduzida para a língua portuguesa, que existe em várias partes uma preocupação com a manutenção da letra do texto original. Talvez pelo fato de a tradutora ser professora de um curso universitário de língua e literatura japonesa, ela leve mais em conta fatores essenciais da obra literária ao traduzi-la, refletindo mais sobre o processo de tradução e as escolhas ao traduzir uma obra de grande importância como é o caso de *Kokoro*. Ao se preocupar com a manutenção da letra, a tradutora consegue passar, em grande parte da obra, o sentido e estilo do texto original. Contudo, ainda assim, algumas partes apresentam deformações da letra.

Com tudo isso, esse trabalho buscou elucidar que a deformação da letra do texto original causa um prejuízo ao leitor da tradução, levando-o a interpretações errôneas ou até mesmo não previstas no texto original. Uma dessas ocasiões é quando o narrador pede a *Sensei* que lhe consiga um posto de trabalho em Tóquio e, na tradução em inglês, a palavra Tóquio simplesmente é apagada. Para o contexto da obra, o jovem que saiu do interior e busca um posto em Tóquio, rechaçando a ideia de permanecer em sua terra natal, num ambiente ruralizado e bucólico, significa muito em relação à crítica que Natsume Soseki passa em seu romance: uma crítica ao ocidentalismo exagerado, às pessoas que ignoram o simples, o tradicional; uma crítica profunda a uma sociedade em conflito constante entre uma tradição demasiadamente formal e tradicionalista e uma crítica à uma modernização forçosa e extremamente exagerada.

Esperamos, com este trabalho, trazer contribuições sobre a tradução de textos de literatura japonesa para as línguas inglesa e portuguesa, bem como incentivar pesquisas nessa área. Com a análise das traduções proposta neste trabalho, buscamos levantar reflexões relevantes à teoria e à prática da tradução literária, destacando a importância

da manutenção da letra do texto original na atividade tradutória de maneira a conseguir passar ao leitor o máximo da cultura e do estilo da obra original.

O tradutor que utiliza de forma consciente as ferramentas que dispõe e que realiza seu trabalho de forma ética, preocupando-se com a manutenção do sentido do texto original ao passá-lo para a língua meta, consegue permitir que o texto traduzido passe ao leitor as informações, os temas, a cultura do texto estrangeiro e suas diferenças.

**ABSTRACT:** This paper aims to analyze two translations of the literary work *Kokoro*, written by Natsume Soseki (1867-1916), according to Antoine Berman's (2007 [1985]) letter deforming analysis. We have compared the English and Portuguese translations with the original work, seeking to verify to what extent they distance themselves from or get closer to the letter deforming occurrences. We have concluded that both translations – in different proportions, though – bring deformations that destroy author's intended systematizations and prevent the translation to be closer to the original one.

**Keywords:** *Kokoro*; Natsume Soseki; Translation into English; Translation into Portuguese; Translation of the letter.

## **Referências Bibliográficas**

BERMAN, Antoine. A tradução e a letra ou o albergue do longínquo. Trad. Maria-Hélène Torres et al. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007 [1985].

CARLOS NETO, M. E. As traduções de *Kokoro*, de Natsume Soseki, para as línguas inglesa e portuguesa. 267f. Monografia (Bacharelado em Letras: Ênfase em Tradução – Inglês) – Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2014.

KATSUNORI, Wakisaka. *Michaelis: dicionário prático japonês-português / coordenação*. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 2003.



LEFEVERE, André. Translation, rewriting and the manipulation of literary fame. London: Routledge, 1992.

NATSUME, Soseki. Coração. Trad. Junko Ota et al. São Paulo: Globo, 2008.

NATSUME, Soseki. Kokoro. Trad. Edwin McClellan et al. London: Peter Owen, 2010 [1968].

NATSUME, Soseki. Kokoro. Tokyo: Yamaguchi Akio, 2012 [2002].

VENUTI, Lawrence. The Translator's Invisibility: A History of Translation. 2 ed. London, New York: Routledge, 2008 [1995].

\_\_\_\_\_. Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença. Trad. de Laureano Pelegrin et al. São Paulo: EDUSC, 2002 [1998].

Data de envio: 02 de junho de 2014

Data de aprovação: 15 de julho de 2014

Data de publicação: 20 de setembro de 2014